

Crise deixa lixo de Brasília mais pobre

Geralda Fernandes

A qualidade do lixo do brasileiro não é mesma de três anos atrás. A avaliação é de funcionários do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), responsáveis pela coleta, e de famílias que sobrevivem direta ou indiretamente do que é jogado fora pela população. No contato diário com os dejetos, eles afirmam que, com a crise, as pessoas estão consumindo produtos mais baratos e jogam fora somente o inaproveitável. Para o superintendente do SLU, Jorge Roberto Ferreira, no entanto, a população tem procurado manter os hábitos e costumes. Segundo ele, a quantidade de lixo também continua a mesma, uma média diária de 400 a 500 gramas por habitante. O órgão recolhe diariamente cerca de 1.150 toneladas de lixo.

O superintendente do Instituto de Ciência e Tecnologia da Secretaria de Meio Ambiente (Sematec), Rogério Pereira Dias, avalia que o volume e a qualidade do que é jogado fora "têm uma ligação direta com a renda per capita". Ele faz parte do grupo de trabalho criado pelo governador Joaquim Roriz, coordenado pela Sematec, para elaborar o diagnóstico do lixo de Brasília. O objetivo é colocar em prática o trinômio da preservação am-

Reciclagem terá uma nova usina

Até o final do ano entrará em funcionamento a Unidade Experimental de Compostagem e Reciclagem do lixo em Brasília. Segundo prevê o superintendente do Instituto de Ciência e Tecnologia da Sematec, Rogério Pereira Dias, nos próximos dias será aberta a licitação para as empresas que vão montar os galpões da usina. O projeto piloto de coleta seletiva pelo SLU envolve, a princípio, 600 casas da cidade-satélite e servirá de subsídio para a criação de outras unidades. Será lançada uma campanha de conscientização dos moradores para a separação do material orgânico do reciclável.

"Todos os dias alguém dá uma de louco e joga dinheiro no lixo", declarou Rogério Dias, complementando que as embalagens descartáveis — latas, vidros, papelão ou plástico significam até quatro vezes o valor do produto final consumido. "As pessoas pagam pela embalagem, jogam fora, pagam para que esse lixo seja retirado de suas casas e voltam a pagar pelo mesmo produto", disse. Ele cita, como exemplo, a pesquisa que mostra que uma garrafa de vidro de refrigerante pode ser reutilizada até 80 vezes antes de se quebrar.

biental, ou seja, a redução, reutilização e reciclagem do lixo.

"O lixo pode ser considerado como um garimpo urbano e, reflete atualmente, o empobrecimento da sociedade, como uma mina já muito explorada", analisa o engenheiro agrônomo Cícero Bley, empresário e consultor de órgãos governamentais sobre o reaproveitamento das sobras. Com trabalhos desenvolvidos em Vitória (ES), Angra dos Reis (RJ), Curitiba e Araucária (PR), ele será um dos consultores do grupo de trabalho do GDF. "É visível o decréscimo das embalagens e, a quebra da qualidade, é uma forma de mascarar o preço", disse, acrescentando que o empobrecimento está ligado diretamente ao consumo desenfreado.

Consumo

Pedro Silveira, 54 anos e há 21 trabalhando no SLU, afirma que as embalagens de produtos importados e de alimentos caros não são mais encontradas com tanta facilidade. "Os produtos consumidos pelos ricos são os que a classe média consumia há dois, três anos e a classe média passou a comprar alimentos antes usados pelos mais pobres e assim por diante", disse. Ele afirma que, além de passar a comprar produtos mais baratos, as pessoas deixaram de jogar fora determinados objetos.

Ele disse já ter encontrado rádio, máquina fotográfica, peças de eletrodomésticos — copos de liquidificador, e motor de batadeira elétrica — sapatos, roupas e até um recém-nascido. "Chamei a polícia e, num instante o bloco — no final da Asa Norte — estava cheio de gente. Só não fiquei sabendo se acharam a mãe", contou.

O melhor achado de que ele tem conhecimento foi um pacote de dinheiro. "O meu colega que encontrou largou o carrinho na hora e sumiu. Nem sei se pediu demissão", lembra. O mais comum, segundo ele, é encontrar talheres. "Eu mesmo formei um faqueiro completo e dei muitos garfos e facas para os vizinhos. Acho que as empregadas ficam com raiva das patroas e jogam as coisas no lixo para se vingar", concluiu.

Seu companheiro de trabalho, André Linhares, também avalia que "os ricos estão comendo produtos mais baratos, embora em maior quantidade que os pobres". "Antes, a gente encontrava umas garrafas e caixas bonitas, escritas em inglês, embalagens de camarão e outros frutos do mar. Mas, agora, isso é raro. O comum são embalagens de biscoitos, iogurtes, manteiga, enfim, nada de especial, com exceção dos dias de festa", disse.

Cultura exerce influência

Além de estar relacionado com a situação econômica, a qualidade e características do lixo estão ligadas também ao fator cultural, considera o superintendente do SLU, Jorge Roberto Ferreira. O que é jogado fora no Lago Sul, é diferente do lixo coletado no Guará que, por sua vez, se distingue do da Ceilândia. A diferença principal, segundo Jorge Roberto, está na quantidade de matéria orgânica — restos de alimentos — encontrada em maior índice nas áreas mais pobres, e de material reciclável como papel, vidro, lata e plásticos, nos setores mais favorecidos.

Das 450 toneladas de dejetos encaminhados diariamente as Usinas de Tratamento de Lixo de Brasília, — correspondentes às coletas de Taguatinga, Ceilândia, parte do Gama e parte do Plano Piloto — 56% correspondem a matéria orgânica, transformada em adubo. Apenas 4,5% representam material reciclável. Na usina do SLU instalada na Avenida das Nações — que recebe 150 toneladas de lixo por dia correspondente às coletas do Plano Piloto e Lagos — os percentuais são inversos, com cerca de 45% de material reaproveitável.



Na rua, a busca por papelão, latas, garrafas e outros produtos que podem ser reaproveitados

Famílias sobrevivem com coleta

Dida Sampaio

Aproximadamente 60% das 1.150 toneladas de lixo coletadas diariamente no Distrito Federal são tratadas nas usinas do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana, instaladas em Ceilândia e na Avenida das Nações. Os outros 40% são levados para o aterro sanitário nas proximidades do Jockey Clube de Brasília, no "Lixão", onde cerca de 400 famílias sobrevivem, direta e indiretamente, das sobras da população, "no mais alto nível de degradação do ser humano", afirma o superintendente do SLU, Jorge Roberto Ferreira.

Segundo ele, a situação pode ser vista como um "crime" e o aterro deverá ser extinto até o final do ano e transferido para outra área, ainda a ser definida. Ali, homens, mulheres e crianças de todas as idades disputam, avidamente, os restos de alimentos ou qualquer material como madeira, ferro, vidro, plástico, alumínio e lataria para revenda. As famílias já estabeleceram com quem fica cada tipo de material e ninguém se apropria do que não lhe está destinado. As pessoas passam o dia separando o seu produto que, ao final do dia, é vendido por preço baixo.

A briga começa assim que o ca-



SLU faz a reciclagem do lixo

minhão do SLU chega para despejar a carga. De enxadas e pás nas mãos, as pessoas mal esperam que se abra a porta traseira do caminhão para iniciar a coleta do material. "Isto aqui já foi melhor mas, hoje em dia, quase não dá para sustentar os filhos", disse Maria José, uma goiana de 40 anos que parece ter 60. Há 15 anos ela sobrevive do que encontra no lixo para consumir ou revender. Com Maria José, trabalham no lixão seus dez filhos, entre 2 e 18 anos.

Numa cena deprimente, as

crianças — algumas delas mal conseguem andar — se alegram com um tomate ou uma laranja estragada encontrada em meio a tanta sujeira e como se fosse um presente. "Muita coisa ainda dá para aproveitar", disse Francisca Silva, satisfeita por ter conseguido encher um saco de aproximadamente 20 litros com legumes e frutas, saindo apressada para preparar o almoço para o marido e quatro filhos.

"Isso aqui é o nosso ganha-pão, já que a gente não encontra outra coisa para fazer", declarou um homem que não quis se identificar. Junto com outros seis adultos ele desmontava um frigorífico de açougue, cada um em busca de sua parte: alumínio, ferro ou lata, material coletado pelos homens de idade mediana. Os mais velhos, mulheres e crianças, se encarregam de separar vidros, plásticos, madeiras e papelão.

O papelão é o produto mais barato e vendido a Cr\$ 7,00 o quilo. Porém, é encontrado em maior quantidade. A lata é vendida a Cr\$ 20, o alumínio a Cr\$ 120 e o cobre, raramente encontrado, a Cr\$ 400 o quilo, sendo o material mais caro. (G.F.)